



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Os Sentidos do(a) Pesquisador(a) na Compreensão da Paisagem Cultural Amazônica

Clondy Lúcia de Oliveira Agra¹

1 Introdução

Com grande número de povos, diferentes linguagens e costumes, a Amazônia constitui-se em enorme etnodiversidade, razão pela qual desperta o interesse de diferentes pesquisadores(as) com objetivos diversos. Tal etnodiversidade além de ser constituída por imigrantes de várias regiões do Brasil e de outros países do mundo é constituída, principalmente, por povos indígenas, caboclos, ribeirinhos e negros remanescentes com seus conhecimentos e riquezas culturais (CLAVAL, 2010, KOZEL ET. AL. 2007/2009, SOUZA, 2011, ALMEIDA SILVA, 2010).

Por acreditar que é na cultura que se constitui os sentidos que conduzem aos diversos significados, fiz esse estudo com o objetivo principal de demonstrar a importância da construção do sentido pelo(a) pesquisador(a) para a compreensão de paisagens culturais diversas. Para alcançar o objetivo proposto, investigo como o ser humano amazônico é descrito aos olhos de pesquisadores(as) e autores(as) a fim de conhecer e compreender com quais sentidos é representada a (s) identidade (s) cultural (ais) da (s) comunidade (s) da Amazônia sob esses olhares múltiplos. Para isso, faço, primeiramente, uma releitura dos estudos culturais iniciais que procuravam descrever essas comunidades e, a partir daí, observo como autores diversos descrevem a relação do ser humano amazônico com a água e a mata, suas analogias e significações culturais. Após essa exposição, faço uma incursão à Filosofia da Linguagem em Frege (1978) para através da compreensão de sentido desse filósofo, compreender também o sentido presente nas descrições geográficas, na contemplação das paisagens, na apropriação dos espaços e construção da noção de lugar.

Nessa incursão à Filosofia da Linguagem em Frege (1978), procuro evidenciar que a paisagem exprime concretamente a relação socioespacial

¹ Doutora em Geografia pela UFPR. Professora da Faculdade Interamericana de Porto Velho. UNIRON. E-mail: klondy2@gmail.com.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

redesenhas (SOUSA, 2004; SOUZA, 1994; TODOROV, 1978; SANTOS, 2007; FRAXE, 2000, 2005; MURRIETA, 2000).

Ao observar as primeiras produções de escritos sobre a Amazônia, nota-se, uma descrição carregada de comparações do ser humano aqui encontrado com os europeus, retratando o imaginário dos antigos viajantes que representavam o fantástico visto a seus olhos: desde o jardim do Éden ao antimundo (PRATT, 1992; GONDIM, 2007; SOUZA, 2001).

Nessas primeiras representações sobre o humano amazônico, as marcas do imaginário e do preconceito andam lado a lado (PRATT, 1992; GONDIM, 2007; SOUZA, 2001). Tais representações têm o olhar descritivo e não apresentam o interesse sobre o homem/mulher amazônico (a), seus sentidos culturalmente construídos ou seus significados culturais. Animais anfíbios, que vão ser os preguiçosos e aparentemente bondosos de Bates. Os estúpidos indolentes povos do mais baixo grau de civilização de Martius, ramo atrofiado, no tronco da humanidade, cuja apatia e falta de curiosidade inibe-os de conectar a civilização, representam visões caricaturais porque não apresentam consistência teórica que embasou a digressão mais prudente de Buffon (GONDIM, 1994, p. 135).

Esse olhar presente nas descrições do século XV, infelizmente, ainda se faz presente em vários relatos sobre a Amazônia. Um olhar legitimado por uma construção social permanentemente fortalecida pelo estigma da colonialidade. É como se aquilo que viveu Cristóvão Colombo e tantos outros nos séculos subsequentes estivesse permanente vindo à tona, onde o que prevalece é a autoridade e não a experiência (SANTOS, 2007).

Para grande parte da academia contemporânea, o marco fundador no estudo antropológico das sociedades ribeirinhas da Amazônia está nos trabalhos de Charles Wagley e Eduardo Galvão. Esses estudos culturalistas tiveram origem norte americana e descendem do particularismo histórico boasiano e da origem cultural de Julian Steward (HARRIS, 1978; NEVES, 1991; FURTADO, 1993).

Vários(as) pesquisadores(as) se dedicaram a estudar as sociedades amazônicas originados e influenciados pela ecologia cultural stewardiana e o



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

culturalismo boasiano de Charles Wagley . Entre esses pesquisadores, podemos citar: Emilio Moran, Eugene Parker, Richard Pace. No entanto, esses trabalhos descreviam as sociedades, mas ainda não procuravam pela compreensão do homem (FRAXE, 2000, 2005; MURRIETA, 2000).

De uma maneira geral, para os antropólogos americanos desse primeiro período, os amazônidas se expressavam na vida isolada em unidades familiares, com uma pequena agricultura familiar combinada com a caça e a pesca (FURTADO, 1993). Sendo notáveis nesses resultados que, mesmo com o envolvimento cultural de pesquisadores com a comunidade pesquisada, as percepções desses estudiosos sobre esses espaços continuavam compostos de representações compartilhadas em sua própria comunidade, estrangeiras à Amazônia.

Observa-se nessas primeiras descrições do ser humano amazônico que, apesar dos autores/pesquisadores julgarem-se aptos a descrever a cultura observada, ao analisar os modos de vida, seus relatos emitem juízo de valor. Pontos de vista formados através de sentidos construídos em suas próprias culturas de origem, sem interesse em compreender o ser humano observado. Pontos de vista, percepções e representações que, na compreensão dos costumes e modos de vida estranhos a sua cultura, sempre interferem.

Ademais, esses resultados de pesquisas diversas, produzidas nesse primeiro período, trazem o mesmo resultado de diários de viagem e diferentes literaturas sobre a região: veem o homem amazônico como atrasado e subdesenvolvido, descritos como seres sem cultura ou inferiores, homens e mulheres sem valores, com conhecimentos, sentidos e significados estrangeiros a eles, são descritos como prontos a serem moldados, modificados pelo colonizador. Em alguns casos, observa-se o espanto diante da região, como se ressalta em Euclides da Cunha (1999, p. 02): [...] o homem ali é ainda um intruso impertinente, chegou sem ser esperado nem querido - quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão.

Nesse olhar à paisagem amazônica, sem interesse ao estudo do homem e a sua cultura, esse autor relata e expõe ao mundo a sua própria realidade e não a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

realidade amazônica e declara que tudo ao seu redor é vacilante, efêmero, antinômico, na paragem estranha onde as próprias cidades são errantes, como os homens, perpetuamente a mudarem de sítio, deslocando-se à medida que o chão lhes foge roído pelas correntezas ou tombando nas terras caídas das barreiras (CUNHA, 1999, p. 10).

A visão errônea desse e de outros pesquisadores que observaram a Amazônia, desde os primeiros relatos até início do século XX, se deve exclusivamente ao não conhecimento dos sentidos e significados da cultura amazônica. Pertencentes a outras culturas, veem a cultura local e o dono da terra, mas não o compreendem. Leem o contexto e o cenário: o indígena, o caboclo e a mistura de raças que originou a comunidade pesquisada e sua cultura, mas ainda não os interpretam, não conseguem compreender porque, apesar de todo o envolvimento, não procuraram por sentidos e significados na cultura da paisagem observada.

3 A compreensão do sentido

Graças à pluralidade e o dinamismo das ciências, os estudos se voltam ao sentido, ao significado, às percepções, perpassando cognições, visando às representações de paisagens, espaços e lugares valorizados individualmente ou intersubjetivamente. No entanto, com essa busca do sentido humano pela ciência, uma inquietação é frequente na compreensão de culturas diversas: O que está sendo observado em particulares culturas, os sentidos ou os significados? Os significados culturais e os sentidos dizem respeito ao mesmo objeto? Quem pode desvelar as velas, fornecer itinerários e rumos corretos ao pesquisador na análise de paisagens culturais diferenciadas, o sentido ou o significado?

Com o ser humano tomado como seu centro de interesse, a ciência sente necessidade de (re) conhecer o seu mundo circundante, seus valores, seus marcadores, seus sentidos concretos. À procura de resoluções a essas inquietações, estudos científicos tomam para si os signos linguísticos de Ferdinand Saussure (1857- 1913), a pragmática de Charles Sanders Peirce (1839 – 1914) ou



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

velas, obter itinerários e rumos corretos à análise de paisagens culturais diferenciadas.

4 Considerações finais

Com a compreensão de que o sentido construído culturalmente é o que conduz à compreensão dos significados culturais, acredito que os(as) pesquisadores(as) ao pensarem em se embrenhar em uma pesquisa com o intuito de obter dados sobre paisagens culturais, se faz necessário que construam sentidos nas comunidades objeto de pesquisa, com o estudo e o envolvimento necessário para que reavalie seus próprios sentidos e especialize esses sentidos. Pois, se tratando da cultura do outro, a necessidade de conhecê-la é fator primordial para a observação e a interpretação de suas paisagens culturais.

Além de, esse(a) pesquisador(a) ter a consciência de que o sentido é construído culturalmente, ele deve estar ciente de que são os sentidos não pertencentes à cultura a ser analisada que podem induzir a contradições e a incompreensões de paisagens culturais. Pois, são esses sentidos que conduzem à compreensão, à ausência do preconceito e a empatia que garantirão resultados verdadeiros e com a ausência dos vieses culturais. De acordo com Bakhtin (1999, p.132), o processo ativo de compreensão se baseia no fato de que todo ser cultural interage com os objetos culturais e será essa compreensão que evitará que sentidos imperialistas, ou de diferentes culturas deem resultados equivocados à pesquisa.

Desse modo, compreende-se a partir desse estudo, que os pesquisadores(as) constroem sentidos na comunidade objeto de pesquisa não só através da linguagem ou do conhecimento da cultura e sim, através do envolvimento cultural. Um envolvimento participativo que os permita conhecer os significados de palavras, gestos e a totalidade de sinais utilizados na comunicação e na construção de novos sentidos na comunidade pesquisada.

Ademais, será com esse envolvimento cultural que o pesquisador(a) poderá evocar pontos de vista que pertençam à cultura da comunidade estudada e, através das representações coletivas, reconstruir a realidade pesquisada, interpretando-a e descrevendo-a à sua cultura.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Portanto, só com sentidos culturalmente construídos, reavaliados e/ou especializados, com a compreensão dos significados culturais, o(a) pesquisador(a) poderá evitar interferências dos sentidos construídos em sua própria cultura, uma interferência que pode conduzir a desvalorização dos elementos culturais observados e de uma descrição errônea das paisagens.

5 Referências

ALMEIDA, R. D. **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Territorialidades e identidade do coletivo kawahib da terra indígena uru-eu-wau-wau em Rondônia: "orevakiare" (reencontro) dos "marcadores territoriais**. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná - UFPR, em 2010, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Geografia. Sob orientação do Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006 (1987).

BAKHTIN, Mikhail / VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BONNEMAISON, J. **La Géographie culturelle**. Paris: CTHS, 2001.

CLAVAL, P. **Epistemologia da geografia**. Tradução de Margareth de C. A. Pimenta, Joana A. Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

_____. **Terra dos homens: a geografia**. Trad. Madureira, Domitília. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Globalização, migrações, inclusão e exclusão: algumas reflexões**. In: ALMEIDA, M. G. & CRUZ, B. N. Território e Cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: UFG, 2009, pp.10-25.

_____. **Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

_____. **A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia**. In: MENDONÇA, Francisco e KOZEL, Salette (Org.). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.11-43.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

_____. **Épistemologie de la Géographie.** Paris: Édition Natan, 2001.

_____. **A Geografia cultural: o estado de arte.** In: ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (Org.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. pp.59 - 97.

COSGROVE, D. & JACKSON, P. **Novos rumos da geografia cultural.** Reproduzido em: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

COSGROVE, Denis. **Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria.** In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Introdução à Geografia Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 103-134.

_____. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998, pp.92-122.

_____. **Social formation and Symbolic Landscape.** Wisconsin Univ. Press, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria.** In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.). Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução.** In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 49-58. (Série Geografia Cultural).

CUNHA, Euclides da. **À margem da história.** São Paulo: Martins Fontes. 1999.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** Trad. Holzer, Werther, São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRAXE, T.J.P. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas.** São Paulo Annablume; Fortaleza: Secretaria de Desporto do Governo do Estado do Ceará. 2000.

_____. Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha : mitos, lendas e transculturalidade,** 2005.

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Cultrix, 1978.

FURTADO, L. G. **Pescadores do Rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica.** Belém: MPEG, 1993. In: SHERER, E. &



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

OLIVEIRA, J. A. de. **Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural**. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.

GALVÃO, E. **Panema: uma crença do caboclo amazônico**. Revista do Museu Paulista, São Paulo, n.º 5. 1951. p.221-225.

GOLDIM, N. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1997.

HARRIS, M. **What it means to be caboclo: Some critical notes on the construction of Amazonian caboclo society as an anthropological object. Critique of Anthropology**, 18:83 – 95, 1998. In: SHERER, E. & OLIVEIRA, J. A. de. **Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

KOZEL, Salette. **Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas**. In: KOZEL S. et al (org.): **Da percepção e cognição à representação**. São Paulo. Terceira Margem, 2007. pp.114-13.

_____. SILVA, J. da C., GIL FILHO, S. (Org.) **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. Terceira Margem: São Paulo, 2007.

_____. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a "capital ecológica"**. São Paulo, 2001. Tese de Doutorado-Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

132

_____. NOGUEIRA, A. R. B. A. **Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida**, In: Revista do Dep. de Geografia de São Paulo. FFLCH-USP. 1999 (13), pp. 239-257.

MCDOWELL, L. **A transformação da Geografia Cultural**. In: GREGORY, D. et all. (Org.) **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996

MURRIETA, R. S. S. 2000. **The Dilemma of the "Chibé"-eater: food choices, ecology and everyday life among peasant communities in the Lower Amazon, Brazil**. Department of Anthropology. Boulder. PhD. University of Colorado.

PRATT, Mary L. **Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation**. New York: Routledge, 1992.

RELPH, Edward. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Geografia, v. 7, n. 4, pp. 1-25, abr., 1975.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

SAHR, W. G. J. D. **Linguagem, imagem e o performativo: Um tour d'horizon na Nova Geografia Cultural.** Palestra proferida no I Colóquio Nacional do NEER. Curitiba, 2005. Disponível em: [HTTP://www.invencionweb.com.br/neer/mesas](http://www.invencionweb.com.br/neer/mesas). Acesso em 02/11/2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Do pós-moderno ao pós colonial. E para além do outro.** Disponível em: http://www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf. Acesso em: 28/07/2013.

SAUER, Carl O. **A educação de um geógrafo.** GEOgraphia, v.2, n.4, p.137-150, 2000.

_____. **A morfologia da paisagem.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998, pp. 12-74.
SOUSA, Lucileyde Feitosa, KOZEL, Salete e SILVA, Maria das Graças. Estudo das Percepções, dos Signos e da Linguagem na Construção do Espaço e Representação dos Barqueiros do Rio Madeira. Revista Geografar. UFPR. 2009, pp. 108-111.

SOUSA, Lucileyde Feitosa. **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia: Uma relação humanista com o rio.** Tese submetida em 2012 ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná - UFPR, para a obtenção do Título de Doutor em Geografia. Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Salete Kozel.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, Álvaro José(1991). **Geografia Linguística: Dominação e Liberdade.** São Paulo: Contexto.

TODOROV, Tzevtan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TUAN, Yi-Fu. Espaço & Lugar. **A perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

WAGLEY, Charles (1976). **Amazon Town: A Study of Man in the Tropics.** New York: OUP.